



Moda e vestuário nos cuidados em saúde: percepções sobre usos, sentidos e impactos

Marcio José Silva

Doutor, Universidade Estadual de Maringá | mjsilva2@uem.br
Orcid: orcid.org/0000-0002-1767-7574 | Lattes: <https://lattes.cnpq.br/9249989812146284>

Lucas França Garcia

Doutor, Universidade Cesumar | lucasfgarcia@gmail.com
Orcid: orcid.org/0000-0002-5815-6150 | Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9726207019011018>

Leonardo Pestillo de Oliveira

Doutor, Universidade Cesumar | leopestillo@gmail.com
Orcid: orcid.org/0000-0001-5278-0676 | Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5641304042011472>

Enviado: 15/08/2025 | Aceito: 18/11/2025



Moda e vestuário nos cuidados em saúde: percepções sobre usos, sentidos e impactos

RESUMO

O vestuário, além de expressar aspectos estéticos e culturais, também influencia questões ligadas à saúde, física e emocional. No entanto, raramente se considera o papel das roupas como prática de cuidado, configurando uma lacuna entre moda e saúde. Este artigo tem como objetivo compreender como profissionais da saúde percebem a moda e o vestuário no contexto dos cuidados em saúde, considerando dimensões simbólicas, funcionais e ambientais. Esse conhecimento é relevante para entender como a prática em saúde pode oferecer subsídios à criação de produtos e estratégias voltadas à promoção da saúde. A pesquisa, de natureza qualitativa, utilizou entrevistas semiestruturadas com onze profissionais de diferentes áreas da saúde, cujos relatos foram analisados por meio da técnica de análise de conteúdo. Emergiram cinco categorias: funcionalidade e conforto; higiene, segurança e prevenção; identidade e autoestima; motivação e metas terapêuticas; e percepção ambiental do vestuário. Os resultados indicam que o vestuário influencia percepções de conforto, identidade e bem-estar, além de atuar como suporte em processos de reabilitação, autoestima e autonomia. Em alguns casos, os entrevistados relataram utilizar o vestuário como ferramenta de mediação terapêutica ou estímulo ao autocuidado. Por outro lado, observou-se desconhecimento quanto aos impactos ambientais da produção e do descarte de roupas, indicando a necessidade de ampliar o diálogo entre moda, saúde e sustentabilidade. Conclui-se que o vestuário deve ser reconhecido como elemento ativo nas práticas de cuidado, reforçando o diálogo entre moda e saúde e contribuindo para a formação de profissionais, incentivando a criação de produtos mais sensíveis às necessidades humanas.

Palavras-chave: Promoção da Saúde; Design de Vestuário; Sustentabilidade.

Fashion and clothing in healthcare: perceptions on uses, meanings, and impacts

ABSTRACT

Clothing, in addition to expressing aesthetic and cultural aspects, also influences issues related to physical and emotional health. However, the role of clothing as a form of self-care is rarely considered, creating a gap between fashion and health. This article aims to understand how healthcare professionals perceive fashion and clothing in the context of healthcare, considering symbolic, functional, and environmental dimensions. This knowledge is relevant to understanding how healthcare practice can contribute to the creation of products and strategies aimed at health promotion. The qualitative research used semi-structured interviews with eleven professionals from different healthcare fields, whose accounts were analyzed using content analysis. Five categories emerged: functionality and comfort; hygiene, safety, and prevention; identity and self-esteem; motivation and therapeutic goals; and environmental perception of clothing. The results indicate that clothing influences perceptions of comfort, identity, and well-being, as well as acting as support in rehabilitation processes, self-esteem, and autonomy. In some cases, interviewees reported using clothing as a tool for therapeutic mediation or to stimulate self-care. On the other hand, a lack of awareness was observed regarding the environmental impacts of clothing production and disposal, indicating the need to broaden the dialogue between fashion, health, and sustainability. It is concluded that clothing should be recognized as an active element in care practices, reinforcing the dialogue between fashion and health and contributing to the training of professionals, encouraging the creation of products more sensitive to human needs.

Keywords: Health Promotion; Clothing Design; Sustainability.

Moda y vestimenta en el cuidado de la salud: percepciones sobre usos, significados e impactos

RESUMEN

La vestimenta, además de expresar aspectos estéticos y culturales, influye en cuestiones relacionadas con la salud física y emocional. Sin embargo, rara vez se considera el papel de la ropa como forma de autocuidado, lo que evidencia una brecha entre moda y salud. Este artículo busca comprender cómo los profesionales de la salud perciben la moda y la vestimenta en el contexto sanitario, considerando las dimensiones simbólicas, funcionales y ambientales. Este conocimiento es relevante para comprender cómo la práctica sanitaria puede contribuir a la creación de productos y estrategias orientados a la promoción de la salud. La investigación cualitativa empleó entrevistas semiestructuradas con once profesionales de diferentes áreas de la salud, cuyos relatos se analizaron mediante análisis de contenido. Surgieron cinco categorías: funcionalidad y comodidad; higiene, seguridad y prevención; identidad y autoestima; motivación y objetivos terapéuticos; y percepción ambiental de la vestimenta. Los resultados indican que la vestimenta influye en las percepciones de comodidad, identidad y bienestar, además de servir de apoyo en los procesos de rehabilitación, la autoestima y la autonomía. En algunos casos, los entrevistados reportaron utilizar la vestimenta como herramienta de mediación terapéutica o para estimular el autocuidado. Por otro lado, se observó una falta de conciencia sobre los impactos ambientales de la producción y el desecho de prendas de vestir, lo que indica la necesidad de ampliar el diálogo entre moda, salud y sostenibilidad. Se concluye que la ropa debe reconocerse como un elemento activo en las prácticas de cuidado, reforzando el diálogo entre moda y salud y contribuyendo a la formación de profesionales, alentando la creación de productos más sensibles a las necesidades humanas.

Palabras-clave: Promoción de la Salud; Diseño de Ropa; Sostenibilidad.

1 INTRODUÇÃO

Embora o uso do vestuário seja frequentemente associado a funções estéticas e culturais, esse uso também exerce influência sobre questões físicas, emocionais e sociais dos indivíduos (Flügel, 2020; Korica; Bazin, 2019; Silva; Garcia; Pestillo, 2024a). Esses produtos são desenvolvidos a partir das tendências de moda, atendendo a expectativas estéticas; no entanto, apresentam relações diretas com o corpo e também com a saúde. Desse modo, o uso do vestuário vai além do suporte estético, sendo um elemento ativo nas relações físicas, emocionais e sociais das pessoas.

O vestuário é parte fundamental da construção simbólica do sujeito e das formas como ele se insere na sociedade (Lipovetsky, 2009; Flügel, 2020). Ainda que o consumo desses produtos seja comumente orientado por uma perspectiva mercadológica e estética, a moda configura-se como um campo interdisciplinar de significados, que se materializa nas escolhas do vestir no cotidiano das sociedades (Korica; Bazin, 2019). Apesar da presença constante nas relações humanas, o tema moda e vestuário é pouco abordado no campo da saúde (Silva; Garcia; Pestillo, 2024a).

Mesmo lidando diretamente com corpos em processos de recuperação física ou mental, os profissionais de saúde nem sempre consideram os efeitos práticos, simbólicos, funcionais e emocionais ligados ao uso das roupas. A escassez de estudos entre os temas apresenta uma lacuna relacionada à invisibilidade do vestuário como parte das práticas de atenção e cuidado. Nesse sentido, o próprio conceito de Promoção da Saúde indica possibilidades para projetos interdisciplinares que contribuam com a melhora da qualidade de vida das pessoas (Brasil, 2014; Buss *et al.*, 2020; Loch *et al.*, 2021). Desse modo, torna-se importante ampliar o diálogo entre moda e saúde, a partir de discussões interdisciplinares observando os

aspectos que vão além da estética.

Mochizuki e Araújo (2021) apontam que as escolhas relacionadas ao vestir atuam diretamente na percepção de bem-estar, enquanto Marshall, Freeman e Waite (2019) destacam a relação entre o vestuário e a saúde mental. A insatisfação com o vestir, por sua vez, pode gerar exclusão ou frustração, como discutido por Bragança *et al.* (2018) em estudo com pessoas com deficiência. As implicações do uso do vestuário sobre a saúde também se manifestam em níveis ambientais e coletivos.

A produção e o descarte de roupas geram resíduos têxteis, microplásticos e contaminações químicas que afetam o solo, a água, o ar e, conseqüentemente, a saúde humana (Pal; Gander, 2018; Ramasamy; Aragaw; Subramanian, 2022). Nesse sentido, Herrero *et al.* (2022) observaram que substâncias nocivas provenientes dos tecidos podem ser absorvidas pela pele, ocasionando riscos para os usuários. Apesar da crescente atenção dada ao tema no campo da moda, essa discussão ainda se mostra distante das práticas e formações da área da saúde, sendo importante aproximar os dois campos para ampliar o entendimento do vestir como prática de cuidado e promoção da saúde.

Diante desse contexto, este artigo tem como objetivo compreender como profissionais da saúde percebem a moda e o vestuário no contexto dos cuidados em saúde, considerando dimensões simbólicas, funcionais e ambientais. Busca-se analisar os sentidos atribuídos às roupas, seus usos possíveis em tratamentos e as percepções sobre seus impactos ambientais. A pesquisa busca contribuir com o campo da moda a partir de uma perspectiva ampliada do vestir, que considera não apenas aspectos simbólicos e estéticos, mas também funcionais, alinhados a um ideal de promoção da saúde.

2 AS RELAÇÕES ENTRE MODA E SAÚDE

A moda, entendida como um sistema de significados materializado pelo vestir, possui natureza cíclica e simbólica que influencia não apenas o modo como o sujeito se veste, mas comportamentos e relações sociais (Castilho, 2004). A moda viabiliza a expressão subjetiva e a integração social, oportunizando rupturas, permanências e transformações. No contexto do uso, Mochizuki e Araújo (2021) ressaltam que ela faz parte de um processo de escolhas individuais, as quais se conectam ao bem-estar e à percepção de qualidade de vida. Ideia compartilhada por Silva, Garcia e Pestillo (2024a; 2024b).

Ao longo do tempo o uso do vestuário foi deixando de ter apenas suas funções básicas, como adorno, proteção e pudor, passando a carregar consigo outros significados (Kodžoman, 2019; Flügel, 2020). Uma roupa pode desempenhar papéis além dessas funções, como o ato de se fazer presente e o de diferenciação social, e isso auxilia na construção da identidade. O vestuário se torna uma extensão do corpo e um meio de comunicação não verbal, que organiza e dá sentido ao convívio em sociedade (Kodžoman, 2019; Flügel, 2020; Castilho, 2004).

A imagem transmitida por meio das roupas influencia como a pessoa se vê e como é vista, tendo forte relação com a saúde mental (Marshall; Freeman; Waite, 2019). Muitas vezes, para adequar-se a padrões ou grupos sociais são feitas adaptações de comportamento ou mesmo modificações corporais. Gurney *et al.* (2017) apontam que a forma de se vestir pode afetar o senso de percepção e como se atribui competência ou credibilidade a um indivíduo, reforçando estigmas ou expectativas sociais.

Nesse sentido, Yoshikawa *et al.* (2020) identificaram que a escolha das roupas envolve fatores simbólicos, como o uso

das cores. Tradicionalmente atribuída à área da saúde, a cor branca influencia positivamente a percepção de competência dos médicos. Isso reforça a importância dos signos na moda, como discutido por Fornazarič *et al.* (2018), que exploram a relação entre cores, emoções e significados transmitidos pelas vestimentas em diferentes contextos e momentos da vida.

No entanto, nem sempre a experiência com o vestir é positiva. Quando o produto não atende expectativas e, principalmente, às necessidades do usuário, pode provocar insatisfação, frustração e exclusão. Bragança *et al.* (2018), ao estudarem atletas usuários de cadeiras de rodas, registraram sentimentos como frustração e marginalização quando esses sujeitos não conseguiam vestir-se facilmente. A relação entre vestir-se e bem-estar, nesse caso, revela-se fundamental.

Além disso, há limitações impostas pela própria dinâmica de mercado da moda. A produção industrial de roupas frequentemente desconsidera a diversidade de corpos, priorizando medidas padronizadas e nem sempre representativas (Chauhan *et al.*, 2019). Essa padronização compromete a funcionalidade e o conforto, podendo gerar problemas, sejam físicos ou mentais. É necessário, portanto, que o desenvolvimento de produtos de vestuário considere as particularidades dos usuários e os possíveis efeitos que esses produtos possam provocar em termos de saúde, incluindo aspectos funcionais e simbólicos que se conectam também às implicações ambientais do vestir.

2.1 Vestuário e Saúde: Implicações Ambientais, Materiais e Corporais

O vestuário influencia percepções, comportamentos e até mesmo o autocuidado, revelando relações diretas com a saúde mental (Marshall; Freeman; Waite, 2019). Contudo, os

efeitos do uso das roupas ultrapassam o campo emocional, alcançando dimensões físicas e ambientais que também repercutem na saúde dos usuários (Silva; Garcia; Pestillo, 2024a, 2024b). Essa relação complexa justifica uma análise mais ampla do tema.

A própria estrutura da indústria da moda, composta pelos setores têxtil e de confecção, aponta para efeitos adversos. Trata-se de um setor predisposto à poluição e ao uso de recursos, com grande demanda por energia e água, além do descarte e queima de estoques ou resíduos têxteis, além do despejo de rejeitos que podem contaminar o solo, a água e o ar (Pal; Gander, 2018). Esses impactos têm impulsionado, nos últimos anos, discussões relevantes sobre sustentabilidade (Barreiro, 2021).

O consumo crescente de roupas, estimulado pelo sistema *fast-fashion*, consolidou a indústria da moda como uma das mais associadas a provocar danos ambientais (Ramamamy; Aragaw; Subramanian, 2022). Essa questão aponta para um aspecto além dos pessoais e emocionais, sendo de ordem coletiva, a poluição ambiental. De acordo com os autores o despejo de corantes, químicos, microplásticos e microfibras oriundos da produção têxtil e de confecção percorre sistemas de esgoto e tratamento, onde parte dessas substâncias acabam por atingir o solo, a água e os organismos ali presentes, provocando posteriormente a contaminação indireta aos seres humanos.

Ramamamy, Aragaw e Subramanian (2022) identificaram, inclusive, altas concentrações de resíduos provenientes da indústria têxtil em estações de tratamento industrial, cerca de mil vezes maiores que em estações residenciais. Apesar disso, ainda são incertos os efeitos a longo prazo dessa ação sobre a saúde humana (Pal; Gander, 2018). O possível impacto é importante para observação por parte dos designers de moda, sendo parte integrante dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da ONU,

que prevê a proteção dos ecossistemas terrestres e aquáticos (Brasil, 2023).

O uso do vestuário apresenta outra relação com a saúde coletiva relacionada à contaminação, neste caso a dérmica. Os tecidos podem liberar substâncias químicas nocivas que são absorvidas pela pele, como microplásticos e corantes (Herrero *et al.*, 2022). Esse tipo de investigação é mais conhecido em alimentos, no entanto, vem apresentando resultados importantes pela perspectiva dos têxteis e das roupas (Ragnarsdottir; Abdallah; Harrad, 2022). Winkler *et al.* (2022) destacam o risco da inalação de microfibras no ambiente doméstico, por meio da emissão de micropartículas por secadoras de roupa. Clement e Clement (2011) alertam sobre o risco de tecidos contaminados, com o formaldeído, por exemplo.

Em uma perspectiva direta ao produto, observa-se a relação entre as roupas e o corpo real dos seus usuários. Geralmente as roupas são produzidas de acordo com padrões idealizados, sem considerar variações corporais e condições específicas de mobilidade (Park *et al.*, 2019; Chauhan *et al.*, 2019). Park *et al.* (2019) discutem, por exemplo, as necessidades de usuários de cadeiras de rodas, que possuem proporções corporais diferentes e, muitas vezes, não encontram produtos adequados no mercado.

A exclusão desses corpos evidencia o problema da não representatividade e reforça a importância do vestuário no sentimento de pertencimento. Bragança *et al.* (2018) destacam que a ausência de roupas adequadas afeta diretamente a autoestima de pessoas com deficiência. De acordo com a Política Nacional de Saúde da Pessoa com Deficiência (Brasil, 2010), determinadas deficiências exigem adaptações específicas, principalmente em casos de cegueira, paralisia, problemas motores ou coordenação.

Cabe aos profissionais de moda reconhecerem que esses produtos precisam ser concebidos não apenas como proteção

ou adorno, mas como itens essenciais para o bem-estar, a inclusão social e a autonomia. Além disso, certas profissões exigem vestimentas específicas para garantir proteção física e termorregulação, como bombeiros, profissionais da saúde e trabalhadores da indústria química (Guan *et al.*, 2018; Łapka; Furmański, 2020). A ausência de trajés adequados pode intensificar riscos térmicos e de contaminação, além de comprometer a saúde em ambientes não totalmente controlados.

A pressão exercida pelas roupas é relevante para análise quando se fala em saúde do usuário. Lüddecke *et al.* (2018) demonstraram que o uso de gravatas apertadas reduziu o fluxo sanguíneo cerebral. Clement e Clement (2011) alertam sobre os riscos de roupas apertadas que podem estar associados à proliferação de fungos ou comprometimento de pontos do sistema circulatório. Lesões cutâneas como a perniose de quadril, antes associadas ao frio ou prática de esportes equestres, foram ligadas ao uso de calças jeans apertadas em ambientes frios por Weismann e Larsen (2006) e António *et al.* (2015).

Roupas de compressão, por outro lado, são projetadas com funções terapêuticas e, quando bem desenvolvidas, não apresentam os mesmos riscos (Xiong; Tao, 2018). No entanto, a saúde íntima masculina pode ser afetada pelo tipo de tecido e modelagem das roupas. Soufir (2017) e Mínguez-Alarcón *et al.* (2018) relacionam o uso de tecidos sintéticos, como poliéster, em roupas íntimas à redução da fertilidade, por causarem superaquecimento na região testicular e alterações na motilidade dos espermatozoides.

A escolha dos materiais é fator primordial no desenvolvimento de produtos. Udale (2009) classifica os tecidos entre naturais, artificiais e sintéticos, sendo os sintéticos os mais propensos a dificultar a respiração da pele. Apesar desse conhecimento ser comum entre profissionais da moda, nem sempre os produtos são plenamente desenvolvidos

considerando esse tipo de questão.

Outro ponto que chama atenção no uso dos produtos e na relação com a saúde é a própria segurança e normatização. Caldas e Nascimento (2021) destacam a importância de materiais adequados, modelagens que respeitem os movimentos do corpo e costuras que evitem machucados. Normas como a NBR 16365/2015 (ABNT, 2015) estabelecem critérios para roupas infantis, proibindo itens perigosos como cordões e aviamentos soltos. A ABNT dispõe de mais de 120 normas técnicas relacionadas ao vestuário, abordando desde aviamentos até testes de resistência e solidez de cor (ABNT, 2022).

Por fim, e não menos importante, o envelhecimento apresenta um conjunto de desafios à vestibilidade (Esmail *et al.*, 2020; Loiola, 2020; Schemes; Schuch, 2021). Loiola (2020) aponta que mudanças no corpo - como a perda de massa magra e o aumento da gordura - afetam a forma como as roupas se ajustam, podendo interferir na autonomia e na percepção de si. Schemes e Schuch (2021) ressaltam que cirurgias, dores e mobilidade reduzida são aspectos inerentes ao envelhecimento que demandam roupas funcionais e bem projetadas.

Embora haja avanços multidisciplinares voltados ao envelhecimento saudável (Ehn *et al.*, 2018), o setor de moda ainda precisa desenvolver produtos sensíveis às necessidades desse grupo. Nesse sentido, as roupas devem ser vistas como instrumentos que promovam saúde, inclusão, autonomia e bem-estar. Apesar disso, a conexão entre moda e saúde ainda é restrita, com pouco diálogo entre profissionais das duas áreas. Pouco se conhece, por exemplo, sobre como os profissionais da saúde percebem o vestuário e seus efeitos nos contextos de cuidado, o que reforça a necessidade de buscar suas experiências e compreensões.

Diante disso, evidencia-se que o vestuário se relaciona com a saúde de modo complexo, envolvendo aspectos

emocionais, físicos, funcionais, ambientais e normativos. Assim, torna-se relevante investigar como o campo da saúde reconhece essas relações e que sentidos atribui ao vestir. A seguir apresenta-se os procedimentos metodológicos e os resultados da pesquisa.

3 METODOLOGIA

Este artigo deriva de uma pesquisa mais ampla, vinculada a uma tese de doutorado cujo objetivo foi investigar o uso do vestuário no contexto da promoção da saúde. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (parecer nº 6.053.865/2023). O instrumento de coleta utilizado foi um roteiro de entrevista semiestruturado, construído e validado previamente como parte do projeto de tese (Gil, 2019; Marconi, Lakatos, 2021; Minayo, 2014).

Uma versão parcial desse instrumento, com foco em outro objetivo específico, já foi discutida em publicação anterior (Silva; Garcia; Pestillo, 2024b). Neste recorte, são analisadas entrevistas sob o eixo temático que aborda a percepção de profissionais da saúde sobre o vestuário como recurso no cuidado, incluindo também reflexões sobre seus impactos ambientais, buscando compreender os sentidos atribuídos ao vestir a partir do conhecimento tido no exercício profissional. Com isso, busca-se contribuir para a lacuna identificada e orientar futuras pesquisas e o desenvolvimento de novos produtos.

Os participantes foram definidos por meio do método “bola de neve”, selecionados conforme critérios relacionados aos objetivos da pesquisa e à diversidade de áreas de atuação. Esse método foi adequado devido à dificuldade de acesso a profissionais com experiência consolidada e disposição para refletir sobre o tema, ainda pouco difundido nas áreas da saúde. Por se tratar de uma amostragem em cadeia, todos os

participantes eram da Região Noroeste do Paraná.

Para manter o sigilo e anonimato eles serão nomeados de: Fisioterapeuta 1; Fisioterapeuta 2; Enfermeiro 1; Enfermeira 2 e 3; Psicóloga 1; Psicólogo 2; Médica 1 e 2; Médico 3; e Educador Físico. As onze entrevistas foram concedidas entre julho e setembro de 2023. Ressalta-se que o conteúdo tratado reflete experiências e percepções consolidadas no exercício profissional, cujos fundamentos permanecem válidos e pertinentes para a discussão científica atual.

As entrevistas foram realizadas por videoconferência via *Google Meet*, gravadas com o consentimento dos participantes e transcritas integralmente com o auxílio da ferramenta online Reshape, de transcrição automática baseada em inteligência artificial que converte áudio e vídeo em texto com alta precisão. Todo o material foi armazenado em local seguro, com acesso restrito ao pesquisador responsável.

A análise dos dados foi conduzida por uma equipe interdisciplinar, utilizando o método de análise de conteúdo, conforme proposto por Bardin (2016). Este método permitiu a categorização sistemática dos dados textuais das entrevistas, visando à extração de significados, padrões e categorias relacionadas ao objeto de estudo. O processo seguiu as etapas de pré-análise, codificação, indexação, categorização, interpretação e apresentação dos resultados.

Para operacionalizar a análise, foi utilizado o software de análise qualitativa NVivo 14 (QSR International) que, em função da densidade de dados qualitativos, auxiliou na codificação das unidades de registro, na indexação das categorias e na geração de relatórios e representações gráficas, como nuvens de palavras e matrizes estruturadas. As categorias principais de análise incluíram bem-estar, autonomia, qualidade de vida e educação em saúde, sendo que os próprios dados revelaram outras categorias que foram discutidas na seção de resultados.

Essa abordagem metodológica permitiu sistematizar os dados obtidos, contribuindo para a divulgação do conhecimento tanto para a área de moda quanto da de saúde. Os resultados são apresentados a seguir, organizados conforme as categorias de análise identificadas.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Diante do objetivo desta pesquisa - compreender como profissionais da saúde percebem a moda e o vestuário no contexto do cuidado, analisando os sentidos atribuídos à roupa, seus usos possíveis em tratamentos e as percepções sobre seus impactos ambientais -, o referencial teórico abordou acerca dos impactos simbólicos, funcionais, ambientais e psicossociais do vestir. E a investigação buscou avaliar essas evidências e ou outras não encontradas na literatura.

A análise de conteúdo confirmou pontos encontrados no referencial e revelou outras nuances que foram além dos estudos analisados. Diante dos dados, emergiram cinco categorias principais: (1) funcionalidade e conforto; (2) higiene, segurança e prevenção; (3) identidade e autoestima; (4) motivação, metas terapêuticas e mediação profissional; e (5) percepção ambiental do vestuário. Antes da análise temática, apresenta-se na Figura 1 o perfil dos entrevistados, a fim de situar o leitor quanto à diversidade de posturas e experiências narradas.

Figura 1. Síntese dos perfis entrevistados

ENTREVISTADO	POSTURA INICIAL	ÊNFASE NAS FALAS	DESTAQUE
 Fisioterapeuta 1	Aberto, reflexivo	Tratamento físico	Limitações causadas por roupas; conforto
 Fisioterapeuta 2	Insegura, reflexiva	Relação das áreas	Esforço para relacionar moda à prática
 Enfermeiro 1	Receptivo, direto	Prática cotidiana	Higiene e roupas hospitalares
 Enfermeira 2	Surpresa, curiosa	Vivência hospitalar	Roupas no ambiente da saúde
 Enfermeira 3	Didática, articulada	Autocuidado	Moda como cuidado
 Médica 1	Cética, distante	Função clínica	Roupas como possibilidade para pra área de saúde
 Médica 2	Objetiva, didática	Corpo e autoestima	Vestuário como incentivo à cuidados em saúde
 Médico 3	Rígido, direto, cético	Funcionalidade mínima	Negação inicial da relação moda-saúde
 Psicóloga 1	Interessada, envolvida	Autocuidado e imagem	Caso clínico com moda como recurso
 Psicólogo 2	Sucinto, prático	Percepção simbólica	Caso clínico de mudança de imagem
 Educador físico	Pragmático	Comportamento dos usuários	Adesão a exercícios via aparência

Fonte: Elaborado a partir dos dados da pesquisa (2025).

Os resultados por categoria são descritos a seguir.

4.1 Funcionalidade e Conforto

Roupas apertadas, tecidos rígidos ou modelagens inadequadas foram apontadas como limitadores de movimentos e barreiras a procedimentos terapêuticos, especialmente por fisioterapeutas e médicos. Segundo o Fisioterapeuta 1: “Tem paciente que não consegue fazer os exercícios porque a calça jeans não deixa.” Em complemento a isso a Médica 2 relatou

que “a roupa apertada causa uma restrição pulmonar [...] Nosso pulmão [...] dá umas achatadas, principalmente na parte de baixo e de trás. Isso é comprovado cientificamente.”

O Educador Físico apontou que, principalmente, os idosos necessitam de roupas adequadas às práticas físicas “têm alguns idosos que saem de casa, como eles estão vestidos, eles vão treinar [...] Essa relação é extremamente importante para a promoção e melhorar o desempenho.”

Essas percepções corroboram o que Park *et al.* (2019) e Chauhan *et al.* (2019) indicam ao discutirem a inadequação das modelagens padronizadas e a ausência de produtos que respeitem as particularidades físicas e funcionais dos usuários. Desse modo, a fala dos entrevistados amplia o entendimento sobre o conforto e a funcionalidade como dimensões de qualidade de vida e não apenas do desempenho técnico das roupas.

4.2 Higiene, segurança e prevenção

As falas dos entrevistados mostram uma preocupação com a higiene e a segurança associadas ao uso das roupas. O vestuário é percebido como instrumento de proteção, mas também atua diretamente no bem-estar e na sensação de segurança. As roupas adequadas, diante do conteúdo analisado das entrevistas, favorecem a movimentação, evitam desconfortos e transmitem confiança.

A manutenção da higiene pessoal, associada ao autocuidado como tratado por Marshall, Freeman e Waite (2019), foi observada principalmente entre grupos em situação de vulnerabilidade social. De acordo com o Enfermeiro 1, “tinha um senhor que usava a mesma camisa por dias. A gente tinha que orientar.” Isso apontou para o risco da falta de higiene relacionada a esse uso prolongado, fator que compromete as condições clínicas.

A falta de troca e higienização das roupas compromete a saúde do paciente e reforça os apontamentos de Herrero *et al.* (2022) quanto de substâncias nocivas presentes nas roupas. Em termos de segurança, observou-se algumas preocupações dos enfermeiros, nesse sentido, a Enfermeira 2 relata, “Eu acredito que o vestuário, se desenvolvido de forma correta e direcionada, eu acho que poderia dar mais autonomia para os diferentes tipos de pacientes.” Os entrevistados relataram que desconhecem normas de segurança para as roupas, como as NBRs, e nem sempre acham que a roupa hospitalar seja um item total de proteção e cuidado. Apesar de o foco da entrevista não ser sobre roupas hospitalares e sim o vestuário no geral.

Por fim, concordam que há necessidades onde o vestuário inadequado certamente pode causar um prejuízo à saúde e até mesmo um acidente, isso reforça o que é tratado pela literatura como por Guan *et al.*, (2018) e Łapka; Furmański (2020).

4.3 Identidade e autoestima

Roupas adequadas ao gosto ou à personalidade do paciente foram associadas à melhora do humor, reconhecimento de si e resgate de vínculos afetivos. De acordo com a Enfermeira 3 uma de suas clientes “era uma idosa não verbal, mas quando vestiu uma blusa bonita, sorriu.” As falas ilustram a moda como elemento simbólico e terapêutico, reforçando as ideias de Castilho (2004), Flügel, (2020), e Kodžoman (2019), sobre o vestuário como extensão do corpo e canal de comunicação não verbal. O Psicólogo 2 retratou que o vestuário pode contribuir para questões de gênero, sendo um artifício poderoso no reconhecimento de si.

Nessa perspectiva o Médico 3, um dos mais céticos em relação aos benefícios do uso da moda e do vestuário

em prol da saúde das pessoas, relatou que se “a pessoa sente a necessidade de estar vestindo aquilo que está sendo preconizado na sociedade, e aquilo vai fazer bem para ela, sim, eu acho que vai mudar, vai melhorar, vai promover saúde”. Os demais entrevistados concordaram com essa premissa, mas reforçaram que nunca pensaram na moda como algo tão importante para a saúde.

A relação entre o vestir e autoestima, evidenciada nas falas, confirma o papel simbólico do vestuário discutido por Lipovetsky (2009) e Flügel (2020). No contexto da saúde, esse simbolismo atua tanto sobre o paciente quanto sobre o profissional, sendo o vestuário um componente do bem-estar e instrumento de promoção da saúde.

4.4 Motivação, metas terapêuticas e mediação profissional

O vestuário apareceu como recurso simbólico em metas de emagrecimento ou reabilitação. Segundo a Médica 2, “o paciente quer voltar a entrar naquela calça, isso vira um marco.” O Médico 3 destacou que “aquelas pessoas que estão fragilizadas tanto saúde orgânica quanto mental, apreciando-se dessa possibilidade de estar bem vestida, elas podem se sentir melhor.”

A dimensão funcional do vestuário é relatada pela Fisioterapeuta 2: “eu tenho essa paciente cadeirante, eu percebo que todas as vezes que eu tiro ela da maca, eu tenho que estar arrumando ali a calça dela, porque ela não consegue [...] fazer sozinha.” O relato indica que a paciente se mostrava constrangida diante da inadequação da roupa ao seu corpo e a profissional prontamente atuava para não prejudicar o tratamento. Esse dado conecta-se ao que trata Lipovetsky (2009) de que a moda organiza desejos e expectativas sociais, funcionando como estímulo para mudanças comportamentais.

Além disso, observa-se que alguns dos entrevistados perpassaram o limite do tratamento convencional e atuaram por uma perspectiva de orientação estética e simbólica. “Expliquei para ela como se vestir podia ajudá-la a se ver de outra forma.” (Psicóloga 1). Essas percepções se aproximam da concepção de Promoção da Saúde (Brasil, 2014; Buss *et al.*, 2020), ao reconhecer o vestuário como um fator que pode favorecer autonomia, autoestima e engajamento nos processos terapêuticos.

4.5 Percepção ambiental do vestuário

A maior parte dos entrevistados demonstrou desconhecimento sobre os impactos ambientais da produção e descarte de itens de vestuário. “Nunca parei para pensar nisso, mas deve poluir bastante” (Médica 1). “É um ponto que não discutimos. Nunca me ensinaram sobre isso. Mas é algo a se pensar” (Psicólogo 2). De acordo com a Médica 2, “Eu acredito que não tem informação suficiente para isso. Não vejo, assim, no geral. Acho que as pessoas estão só pensando no consumo imediato agora, né? Não pensa a gente lá na frente”.

Todos os entrevistados concordaram que há possibilidade de poluição, e que isso está relacionado à saúde coletiva e também aos ODS. Alguns chegaram a sugerir incluir o tema nas discussões de educação em saúde.

Embora a literatura aponte a moda como uma indústria com alto potencial de poluição (Ramasaamy *et al.*, 2022), as entrevistas evidenciaram que, apesar do tema ser ausente nas práticas de cuidado, existe uma preocupação real crescente quanto ao impacto da moda no meio ambiente e, indiretamente, na saúde humana. De modo geral, as cinco categorias analisadas demonstram que o vestuário constitui um elemento multifacetado nas relações de cuidado,

articulando dimensões simbólicas, funcionais e ambientais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa permitiu identificar que, embora o vestuário ainda seja percebido de forma restrita por parte dos profissionais da saúde, os usos, sentidos e impactos ultrapassam o campo estético, podendo assumir um papel complementar nos cuidados, tratamentos e promoção da saúde. Os resultados mostraram que o vestir atua diretamente no bem-estar físico, emocional e social das pessoas, seja ao facilitar a mobilidade, promover a autoestima ou servir como suporte a práticas terapêuticas. O vestir envolve dimensões simbólicas, funcionais e ambientais que repercutem de forma direta na saúde dos usuários.

As entrevistas revelaram que a moda é raramente abordada nos contextos acadêmicos ou práticos de saúde, o que, segundo os participantes, gera distanciamento conceitual e desconhecimento de suas possíveis aplicações ou riscos. Ainda assim, alguns entrevistados demonstraram abertura e interesse ao refletirem sobre suas experiências práticas com os pacientes. Em alguns casos, a roupa foi reconhecida como ferramenta simbólica de reconstrução da identidade, especialmente em situações de vulnerabilidade emocional. Essa compreensão é fundamental para que profissionais de moda projetem produtos atentos às questões de saúde.

Outro aspecto revelado foi a ausência de percepção ambiental relacionada ao vestuário. A maioria dos profissionais desconhece os impactos ambientais relacionados ao uso ou à própria dinâmica da indústria da moda. Isso aponta para uma lacuna importante no diálogo entre moda, sustentabilidade e saúde, e evidencia a necessidade de ampliar o escopo da formação e das práticas interdisciplinares, tanto para profissionais de saúde quanto de moda.

Como continuidade do estudo, recomenda-se aprofundar as investigações com recortes específicos de públicos e contextos clínicos, envolvendo pesquisadores de ambas as áreas, incluindo a perspectiva dos próprios usuários sobre o tema. De modo geral, o estudo contribui para aproximar o campo da moda das discussões em saúde, fortalecendo perspectivas de pesquisa e ensino voltadas à promoção do bem-estar, da autonomia e da sustentabilidade. Essa interlocução reafirma o papel social do vestuário na construção de práticas de cuidado mais humanas e integradas.

CRÉDITO DE AUTORIA

Concepção e elaboração do manuscrito: M. J. Silva

Coleta de dados: M. J. Silva

Análise de dados: M. J. Silva, L. F. Garcia, L. P. de Oliveira

Discussão dos resultados: M. J. Silva

Revisão e aprovação: M. J. Silva, L. F. Garcia, L. P. de Oliveira

Declaração sobre o uso de IA generativa e tecnologias assistidas por IA no processo de escrita

Durante a preparação deste trabalho, os autores utilizaram a ferramenta ChatGPT (OpenAI) com o objetivo de *apoiar a revisão textual e verificar a coerência argumentativa, sempre mantendo a autoria, interpretação dos dados e decisões analíticas*. Após o uso dessa ferramenta/serviço, os autores revisaram e editaram o conteúdo conforme necessário e assumem total responsabilidade pelo conteúdo da publicação.

REFERÊNCIAS

- ABNT. Associação Brasileira de Normas Técnicas. **NBR 16365:2015**: Segurança de roupas infantis - Especificações de cordões fixos e cordões ajustáveis em roupas infantis e aviamentos em geral - Riscos físicos. ABNT, 2015. Acesso em: 13 mar. 2025.
- ABNT. Associação Brasileira de Normas Técnicas. **ABNT Catálogo**. ABNT, 2023. Disponível em: <<https://www.abntcatalogo.com.br/grd.aspx>>. Acesso em: 16 mar. 2025.
- ANTÔNIO, A. M. *et al.* Idiopathic perniosis of the buttocks and thighs – clinical report. **Dermatology Online Journal**, [s/l], v. 21, n. 1, p. [s/p], 2015.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto. 3ª reimp. 1ª edição. ed. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BARREIRO, A. M. La sostenibilidad en los estudios de moda. **Athenea Digital**, [s/l], v. 21, n. 1, p. 1-19, Mar. 2021.
- BRAGANÇA, S. *et al.* Insights on the apparel needs and limitations for athletes with disabilities: The design of wheelchair rugby sportswear. **Applied Ergonomics**, [s/l], v. 67, p. 9-25, 2018.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Política Nacional de Saúde da Pessoa com Deficiência. **Ministério da Saúde**, Brasília, n. 1ª ed., 2010.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria nº 2.446, de 11 de novembro de 2014. Redefine a Política Nacional de Promoção da Saúde (PNPS). **Diário Oficial da União**, Brasília, 11 nov. 2014. Disponível em: <https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2014/prt2446_11_11_2014.html>. Acesso em: 06 nov. 2025.
- BRASIL. Nações Unidas Brasil. Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. **Nações Unidas Brasil**, Brasília. Disponível em: <<https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>>. Acesso em: 22 mar. 2022.
- BUSS, P. M.; HARTZ, Z. M. de A.; PINTO, L. F.; ROCHA, C. M. F. Promoção da saúde e qualidade de vida: uma perspectiva histórica ao longo dos últimos 40 anos (1980-2020). **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, RJ, v. 25, n. 12, p. 4723-4735, 2020.
- CALDAS, A. L.; NASCIMENTO, N. G. D. Adaptações de conforto para o vestuário de mulheres idosas de tamanho grande. **dObras**, [s/l], v. 33, p. 153-169, 2021.
- CASTILHO, K. **Moda e Linguagem**. 2ª. ed. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2004.

CHAUHAN, V. *et al.* Apparel Consumption and Embodied Experiences of Gay Men and Transgender Women in India: Variety and Ambivalence, Fit Issues, LGBT-Fashion Brands, and Affordability. **Journal of Homosexuality**, [s/l], v. 68, n. 9, p. 1444-1470, 2019.

CLEMENT, A. M.; CLEMENT, B. R. **Killer clothes!:** how seemingly innocent clothing choices endanger your health - and how to protect yourself! Summertown: Hippocrates Publications, 2011.

EHN, M. *et al.* Activity Monitors as Support for Older Persons' Physical Activity in Daily Life: Qualitative Study of the Users' Experiences. **JMIR Mhealth and Uhealth**, [s/l], v. 6, n. 34, p. 1-15, 2018.

ESMAIL, A. *et al.* The role of clothing on participation of persons with a physical disability: A scoping review. **Applied Ergonomics**, [s/l], v. 85, n. 103058, p. 1-15, 2020.

FLÜGEL, J. C. **Psicología del Vestido**. Tradução de Carlos Gual Marqués. Santa Cruz de Tenerife: Editorial Melusina, 2020.

FORNAZARIČ, M.; TOROŠ, J. Relationship between Behavioural Factors and Colour Preferences for Clothing. **Tekstilec**, [s/l], v. 61, n. 1, p. 4-14, 2018.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 7ª. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

GUAN, M. *et al.* Effect of perspired moisture and material properties on evaporative cooling and thermal protection of the clothed human body exposed to radiant heat. **Textile Research Journal**, [s/l], v. 89, n. 8, p. 3663-3676, 2018.

GURNEY, D. J. *et al.* Dressing up posture: The interactive effects of posture and clothing on competency judgements. **British Journal of Psychology**, [s/l], v. 8, p. 436-451, 2017.

HERRERO, M. *et al.* Health risk assessment of polychlorinated biphenyls (PCBs) in baby clothes. A preliminary study. **Environmental Pollution**, [s/l], v. 307, n. 119506, p. 1-9, 2022.

KODŽOMAN, D. The Psychology of Cloting: Meaning of Colors, Body Image and Gender Expression in Fashion. **Textile & Leather Review**, [s/l], v. 2, n. 2, p. 90-103, 2019.

KORICA, M.; BAZIN, Y. Fashion and Organization Studies: Exploring conceptual paradoxes and empirical opportunities. **Organization Studies**, [s/l], v. 40, n. 10, p. 1481-1497, 2019.

ŁAPKA, P.; FURMAŃSKI, P. Modeling and analysis of the influence of the protective garment movement on the skin temperature and burn degree. **Fire Safety Journal**, [s/l], n. 102916, p. [s/p], jan. 2020.

LIPOVETSKY, G. **O Império do Efêmero**. Tradução de Maria Lucia

Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

LOCH, M. R.; LEMOS, E. C. de; JAIME, P. C.; RECH, C. R. Desenvolvimento e validação de um instrumento para avaliar intervenções em relação aos princípios da Promoção da Saúde. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, Brasília, DF, v. 30, n. 3, p. 1-10, 2021.

LÜDDECKE, R. *et al.* Should you stop wearing neckties? —wearing a tight necktie reduces cerebral blood flow. **Neuroradiology**, [s/l], v. 60, p. 861-864, 2018.

MARCONI, M. D. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de Pesquisa**. 9ª. ed. São Paulo: Atlas, 2021.

MINAYO, M. C. D. S. **O Desafio do Conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 14ª. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

MÍNGUEZ-ALARCÓN, L. *et al.* Type of underwear worn and markers of testicular function among men attending a fertility center. **Human Reproduction**, [s/l], v. 33, n. 9, p. 1749-1756, set. 2018.

MOCHIZUKI, L.; ARAÚJO, B. A. A importância dos estudos da Moda para o adequado uso das tecnologias em roupas e calçados para monitorar indicadores de saúde e qualidade de vida. **ModaPalavra**, Florianópolis, v. 14, n. 32, p. 30-50, 2021.

PAL, R.; GANDER, J. Modelling environmental value: An examination of sustainable business models within the fashion industry. **Journal of Cleaner Production**, [s/l], v. 184, n. 20, p. 251-263, 2018.

PARK, J. *et al.* Classification of Upper Body Shapes Among Korean Male Wheelchair Users to Improve Clothing Fit. **Assistive Technology**, [s/l], v. 31, n. 1, p. 34-43, 2019.

RAGNARSDOTTIR, O.; ABDALLAH, M. A.-E.; HARRAD, S. Dermal uptake: An important pathway of human exposure to perfluoroalkyl substances? **Environmental Pollution**, [s/l], v. 307, n. 119478, p. 1-14, 2022.

RAMASAMY, R.; ARAGAW, T. A.; SUBRAMANIAN, R. B. Wastewater treatment plant effluent and microfiber pollution: focus on industry-specific wastewater. **Environmental Science and Pollution Research**, [s/l], v. 29, p. 51211-51233, 2022.

SCHEMES, C.; SCHUCH, M. F. Moda, Conforto e Inovação no Vestuário de Mulheres Idosas. **Revista Conhecimento Online**, Novo Hamburgo, v. 2, p. 159-186, 2021.

SILVA, M. J.; GARCIA, L. F.; OLIVEIRA, L. P. de. Moda e saúde: uma análise interdisciplinar sobre o uso das roupas e a saúde das pessoas. **Revista de Estudos Interdisciplinares**, v. 6, n. 1, p. 01-20, 2024a.

SILVA, M. J.; GARCIA, L. F.; OLIVEIRA, L. P. de. Moda e Promoção da Saúde: a complexa relação entre a saúde e o vestir. **Projetica**, Londrina, v. 15, n. 1, p. 1-32, 2024b.

SOUFIR, J.-C. Hormonal, chemical and thermal inhibition of spermatogenesis: contribution of French teams to international data with the aim of developing male contraception in France. **Basic and Clinical Andrology**, [s/l], v. 27, n. 3, p. 1-16, jan. 2017.

UDALE, J. **Fundamentos de Design de Moda**: tecidos e moda. Tradução de Edson Furmankiewicz. Porto Alegre: Bookman, 2009.

WEISMANN, K.; LARSEN, F. G. Pernio of the Hips in Young Girls Wearing Tight-fitting jeans with a Low Waistband. **Acta Dermato-Venereologica**, Uppsala, v. 86, n. 6, p. 558-559, June 2006.

WINKLER, A. S. *et al.* Human airway organoids and microplastic fibers: A new exposure model for emerging contaminants. **Environment International**, [s/l], v. 163, n. 107200, p. 1-15, 2022.

XIONG, Y.; TAO, X. Compression Garments for Medical Therapy and Sports. **Polymers**, [s/l], v. 10, n. 6:663, p. 1-19, 2018.

YOSHIKAWA, Y. *et al.* A survey of Japanese physician preference for attire: what to wear and why. **Nagoya Journal of Medical Science**, [s/l], v. 82, n. 4, p. 807-814, nov. 2020.